

Zé Alberto no espelho

Eduardo Rios-Neto¹

Falar do Zé é muito difícil, não só pelo tamanho do seu legado, mas também porque é difícil falar dele sem separar as suas experiências das minhas interações com ele, o que acaba sendo uma reflexão de espelho sobre nós mesmos, que vai da análise mais profissional às múltiplas dimensões do seu legado. Vou tentar separar esses dois últimos, embora não tenha nenhuma certeza se vou conseguir.

Meu primeiro contato com o Zé Alberto, ou o primeiro que me vem à memória, remonta ao meu período de graduação. Nós, estudantes, estávamos em greve para tirar um professor. Houve um encontro dos membros da Congregação com os alunos e eu, apesar de contra o movimento, estava lá na comissão de negociação. Foi a primeira vez que ouvi aquela voz de locutor, grave e dominante, comandando uma reunião. Algum colega me disse “esse cara é ‘fera’, um dos professores mais reconhecidos da Face”. Fiquei impressionadíssimo. O fato é que, quando fiz Anpec para o mestrado, no fim dos anos 1970, escolhi economia com concentração em demografia no Cedeplar, por estar sob impacto daquele corpo docente qualificado, liderado por ele.

Como aluno do mestrado, beneficiei-me de suas belíssimas aulas e tive um bom fundamento de técnicas, que durou para toda a minha formação. Ele foi, provavelmente, o primeiro a dizer que eu tinha de ir para o exterior fazer o doutorado, não sem antes afirmar que eu tinha que virar professor concursado. Com meu inglês fajuto, precisei me matricular no ICBEU e ter aulas particulares – apesar de que, segundo o Zé sempre me dizia, meu inglês não melhorou nada desde então.

Segui à risca o receituário e não me arrependo, não sem o eterno medo, já no doutorado, de não voltar para o Brasil e sofrer o que eu chamava de “a praga de Zé Alberto”, por trair os interesses públicos. Explico melhor. Todos que fizeram doutorado no exterior, na época, tiveram a tentação de ficar por lá, dando aula, trabalhando no Banco Mundial ou coisa parecida. O fantasma do Zé Alberto me assombrava toda vez que eu pensava nisso. Pouco depois do meu retorno do doutorado, o Zé ganhou o Prêmio Fundep, uma das maiores honras da UFMG que um professor pode receber. Eu, quase de fraldas, fui brindado com o seu pedido para que eu fizesse a sua saudação.

Desde a época do doutorado, eu tinha um dilema pessoal do qual o Zé possuía pleno conhecimento. Tinha dúvidas se, após cumprir a moratória do treinamento fora do país, continuaria na academia ou tentaria ganhar dinheiro na iniciativa privada. Em 1992, com o salário de professor muito baixo, pedi licença-prêmio (mesmo continuando a dar aula na pós-graduação) e aceitei participar na campanha municipal de um candidato a prefeito. Na ocasião, fui ao Encontro de Diamantina e não suportei o olhar de tristeza do Zé para mim, em tom de despedida e lamúria. Partiu meu coração! Quis o destino que o Patrus ganhasse e eu voltasse em plena forma para a academia.

O Zé foi uma presença marcante nos encontros da IUSSP, começando com o meu primeiro, na Índia, em 1989. Fomos para o Nepal após o evento e vivemos juntos uma situação que ele contou até o fim da vida: enquanto as turbinas do avião da Royal Air Nepal pegavam fogo com os passageiros já embarcados e todos desciam as escadas da aeronave correndo, eu, ao chegar na pista, quis voltar para devolver o *menu*, que eu tinha levado comigo para fora do avião sem querer. Como o Zé morria de medo de avião, o caso,

¹ Professor titular aposentado do Departamento de Demografia e do Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Diretor de Pesquisas do IBGE.

narrado com aquele vozeirão dele, era ainda mais dramático e engraçado. O encontro seguinte foi em Montreal, em 1993, onde dividimos o quarto e muitas confidências. O Zé seria eleito vice-presidente da IUSSP no evento e houve uma tentativa de boicotar sua candidatura, com uma politicagem esquisita, mas conseguimos desarmar a bomba relógio. Em 1997, foi a vez da China, onde ele faria o discurso de presidente. Charles Wood, Joe Potter e vários outros amigos viram diversas versões do seu discurso, que circulavam por *e-mail* numa mensagem cujo título era “JA goes to China”. O discurso foi sucesso absoluto e, para completar, ainda vencemos a proposta de organizarmos o próximo encontro no Brasil. Presidente da Abep na época, trabalhei junto com ele, Elza Berquó e Maria Coleta Oliveira, entre outros, e realizamos, em 2001, um belo evento em Salvador.

Minha relação com o Zé foi só de gratidão, pois sempre fui apoiado por ele a cada novo desafio. Depois de Salvador, tornei-me presidente da CNPD (Comissão Nacional de População e Desenvolvimento) e seu apoio, juntamente ao de Elza Berquó, foi fundamental em um momento tão difícil. Naquele período, passei a integrar a Comissão Consultiva do Censo Demográfico de 2010, grupo do qual Zé e Elza já faziam parte há muito tempo, acredito que antes mesmo de a comissão ser formalizada e bem antes do Censo de 2000. Quis o destino que eu fosse convidado para a diretoria do IBGE, acho que até mesmo por indicação do Zé. Seu apoio técnico e moral foi um combustível para mim. O último caso memorável que tive com ele ocorreu em 10 de setembro, poucos dias antes da queda que, no final das contas, o levou. Eu tinha feito um seminário no Cedeplar no dia 9 e, no dia seguinte, o Zé tornou pública a sua satisfação, ao compartilhar, no WhatsApp, um texto em que ele mencionava a sua “alegria e orgulho” com a minha apresentação. Interessante que ele enviou o texto para várias pessoas e algumas, inclusive, receberam o texto mais de uma vez, mas não o enviou para mim, pois, segundo ele escreveu para a Paula, dada a sua imperícia, não consegui. Agradei indiretamente, por meio da Paula, mas terei de viver com a eterna frustração de não ter ligado e agradecido pessoalmente suas gentis palavras.

Poderia encerrar com este espelho das nossas interações, mas sinto-me obrigado a fazer uma análise de sua importância em várias esferas. Em primeiro lugar, tem o modo Zé de ser e administrar, super paternal, que me remete ao Edgar, meu pai. Ambos foram seminaristas e faziam questão de ouvir todo mundo no confessionário. Era uma forma de gestão que tomava muito tempo, pois não é fácil ouvir as confissões de todo mundo, dar a penitência e ainda costurar uma solução. Em segundo lugar, sua base sólida em latim fazia com que corrigisse o português de virtualmente todo texto que lhe caía à mão.

No que tange ao seu legado, listarei a importância do Zé em quatro pontos: formação na Inglaterra, IUSSP-Abep, programa de demografia do Cedeplar e UFMG. Ele fez seu doutorado na London School of Economics, orientado por David Glass, mas na verdade era cria do Bill Brass. Tenho a impressão que Brass o adorava, considerava-o um demógrafo de mão cheia e um líder institucional. Por conta disso, o Zé teve uma entrada na IUSSP muito forte, uma vez que os europeus (ingleses, franceses e italianos) possuíam um peso político muito mais forte do que os americanos na associação. Junta-se a isso o seu papel na criação da Abep, juntamente com a Elza. Essa dobradinha Zé & Elza, aliás duas faces da mesma moeda, foi importantíssima para consolidar a demografia brasileira nacional e internacionalmente.

O Zé sempre foi muito produtivo e deixou um legado de publicações e livros. Entretanto, ousou dizer que publicação não era sua prioridade. Ele estava mais ocupado em construir as instituições e a demografia brasileira. Pessoalmente, lamento os vários livros que deixaram de ser escritos por total despreendimento pessoal, mas creio que foi uma opção pessoal que ele fez.

Desnecessário enfatizar o papel do Zé no programa de demografia do Cedeplar. Essa é uma história ainda a ser contada, mas o Zé está na origem, atraindo demógrafos vindo de fora, como Don e Diana Sawyer, Paulo e Clotilde Paiva, além de outros profissionais que já estavam engajados no Cedeplar. Como se não bastasse o papel do Zé na demografia e no curso, ele foi diretor da Face duas vezes e do Cedeplar inúmeras vezes, mostrando uma veia administrativa fortíssima. Ouso dizer que, se há uma frustração na carreira do Zé, foi não ter sido reitor da UFMG, tendo concorrido duas vezes ao cargo. Frustração, aliás, que reputo injustificada, pois sua contribuição para a universidade foi fantástica, passando pelo estabelecimento de regras rigorosas de recrutamento e promoção docente com a criação da CPPD (Comissão Permanente de Pessoal Docente), além de inúmeras soluções de crises no Conselho Universitário, sem contar o seu papel na Face e no Cedeplar. Seu nome está marcado na história da UFMG.

Zé, você fará muita falta, mas seu maior legado está vivo nas pessoas que interagiram com você e nas instituições que você ajudou a construir.